

POESIAS

Adeus

(AOS MEUS AMIGOS DO RIO)

Adeus ! adeus ! Já tomba o sol nos mares,
lucido beijo ás vagas imprimindo,
e a merencoria tarde vae nos ares
as purpurinas tranças desparzindo ;
cahe socegada a noite, a onda é calma,
não ruge crespa aos lategos do vento,
e o meu navio placido se embala
no liquido elemento.

E amanha, quando a luz da nova aurora
tingir de fogo a implacidez das aguas,
emquanto a brisa rapida e sonora
me fôr bebendo as suspirosas maguas,
— fugindo a flor do mar, verei de longe
tremem no arco azul dos horizontes,
como extensa cadeia de esmeraldas,
de Guanabara os montes.

Do soberbo gigante de granito
ir-se-ão sumindo as graciosas curvas
como pontos no seio do infinito,
— emquanto eu fôr cortando as ondas turvas ;
e como sobe a sombra ao vir da noite,
cahindo o sol do mar na immensidade,
— longe tudo o que amei,—brotar-me-á n'alma
a sombra da saudade.

Aqui em sonhos os mais bellos
da minha juventude se passaram ;
que importa que os rompessem desenganos,
si uma hora fui feliz, quando brilharam ?
Aqui—gloria, ambição, ventura, amores
rebentaram-me a rir no seio ardente,
como nos climas tropicaes as rosas
de chão humido e quente.

Foram-se os dias dessas quadras bellas !
Do passado, do tempo ao frio açoite,
qual turbilhão phantastico de estrellas,
cahiram na soidão de horrenda noite !
Si inda resta em meu peito uma lembrança
da inutilmente gasta mocidade,
só a memoria afaga-me o perfume
das flores da amizade.

Da amizade tão só; que me illudiram
as outras affeições; dentro em minha alma
as crenças nos amores desfloriram
bem como as plantas do verão na calma ;
só da amizade, que surgiu risonha
do seio morto na exaurida leiva,
depois que amor mentido lhe bebera
calor e vida e seiva.

E pois sómente a vós que me adoçastes
meus dias de infortunio e de amargura,
e as sendas do futuro me apontastes
quando só me abatia a desventura ;
a vós que confundistes vossos sonhos
e visões de esperança aos sonhos meus,
só a vós no saudoso apartamento
o meu sentido adens.

Cattete, 4 de novembro de 1876.

THEOPHILO DIAS

Não é mais sonho

(A MEU AMIGO ANTONIO PEREIRA SIMÕES)

Não é mais sonho, não, vi-a de novo,
ouvi-lhe a voz suave, o passo leve;
e sob a timidez de corça esquivava,
senti-lhe a chamma ardente dos olhares !
Vans illusões, que me embalastes, ide !
miragens zombadoras, tornei vê-la !

Sim, ella estava lá por entre os risos
e os encantos do lar, em que primeiro
a f'licidade me arrastou amiga,
e o vulto seu me deparou formoso.
Era a mesma visão de minhas noites,
mesma a fragrancia que sorvi nas flores !

Eu a vi outra vez ! e a primavera
logo em minh'alma entrou com seu semblante :
no venenoso amargo deste mundo
pareceu-me provar um mel celeste,
pintar-se-me o arco-iris da bonança
nos oscillantes nimbos do futuro,
a limpidez serena de sua vida
na téla nua de meus tristes dias.